

Sociologia do Turismo

Jost Krippendorf. Editora: Civilização Brasileira

Jost Krippendorf mostra como a "desconstrução" de um conceito corriqueiro pode servir para construir uma teoria inteira

por Luiza Silva

Pergunte a alguém o que é ser viajado. Provavelmente todas as respostas serão variações sobre um mesmo tema: viajado é aquele viajante que já andou pelo mundo afora, que conhece tudo. Este é o senso comum sobre o que é ser viajado, mas não é o que um renomado estudioso sobre turismo e lazer, autor de Sociologia do Turismo, pensa. Para ele, o turista é um viajante ocasional cujo destino é o lugar e a cultura do viajado, ou seja, da região e do povo que o recebem.

Ao transformar a relação de quase equivalência entre esses dois conceitos numa aparente oposição - que anseia por uma complementaridade possível e fecunda -, Jost Krippendorf deixa à mostra o quanto a lógica da indústria do turismo está contaminada por servir-se de um único referencial: o da cultura do viajante, do turista. Tais flagrantes dão o prumo à construção desta admirável Sociologia do Turismo, fundamentada no encontro de culturas como alternativa ao confronto e à segregação. Seu mérito maior é apontar para possibilidades realmente novas em



termos de lazer e de viagens turísticas (e realmente possíveis).

O caminho para esse lazer inovador, entretanto, não é fácil. O autor mostra como a já tradicional cultura do turismo típico forjou toda uma mitologia para os destinos prediletos de seus viajantes ocasionais, na

carona do deslocamento que parte da rotina de casa-trabalho-casa para a aventura da alteridade.

Tanta distorção empresta ao dia a dia ares de um pesadelo arrastado (o cotidiano), cujo antídoto óbvio seria o afastamento para cenários de quase-sonho (o anticotidiano). Krippendorf escapa da armadilha apresentando-os como dois pólos igualmente desumanizados, embora de maneiras diferentes. As agências de viagem, as redes hoteleiras, as companhias aéreas e mais uma constelação de atores (multinacionais ou não) na esteira lucrativa do marketing e da venda do turismo convencional - os corretores dos lazers móveis ou mercadores de paraísos, para Krippendorf - criam e recriam rentáveis pólos anticotidianos, cheios de um exotismo em geral bastante diverso da verdadeira aparência e cultura próprias dos viajados.

Krippendorf comenta "O cotidiano é o companheiro de viagem. (...) Viajamos, é claro, mas sem sair da nossa pele". É o já

familiar caldeirão que mistura deslumbramento e preconceito. O autor apresenta com clareza como, por viver em função da rotina dos dias úteis, a sociedade dos grandes centros urbanos - típica origem do turista internacional - reproduz, mesmo no momento de seu lazer, relações mercantis arcaicas entre lugares com culturas e desenvolvimentos econômicos diversos.

Partindo desse esvaziamento de humanidade, o livro descreve interações pendulares entre cotidiano e anticotidiano (entendidos como representações sociais que são), e identifica 4 campos de forças, ou subsistemas, em que elas se manifestam.

Subsistema sócio-cultural - a sociedade e seus valores.

Subsistema ecológico - o ambiente e seus recursos.

Subsistema econômico - a economia e as relações comerciais e produtivas.

Subsistema político - o Estado, sua organização administrativa e suas políticas públicas.

O achado está em que essa classificação já mostra por si mesma como os subsistemas podem ser reorganizados com vista a um turismo mais responsável, integrado e capaz de proporcionar experiências únicas aos povos tanto de regiões emissoras quanto receptoras. Ainda assim, o autor se estenderá em 4 capítulos altamente detalhados para destrinchá-la e, de quebra, desenvolver suas 23 teses para a humanização do turismo.

Sobre o desenvolvimento da linha de reflexão proposta pelo livro, paira um aviso: engana-se o leitor ao achar que a obra do professor da Universidade de Berna pode esbarrar ou estacionar na beirada perigosa e superficial de um panfleto anti-indústria do turismo. Ao contrário, a leitura de Krippendorf é uma viagem encantadora, ainda que profunda e às vezes difícil. Muito embora

repouse no reconhecimento tácito da necessidade do lazer (incluindo o turismo) para o ciclo de reconstituição do homem da sociedade industrial, o livro guarda o trunfo de identificar, com pelo menos uma década de antecedência, uma questão atualíssima: nosso cotidiano de trabalho, marcado por ditames capitalistas cuja duração já pode ser medida em séculos, ainda nos serve?

Krippendorf registra seu lento e vigoroso ritual de desencanto, necessário ao rompimento com as mazelas do turismo convencional, e excursiona pela terra prometida do novo turismo - já livre do excesso de bagagem, mas com direito a acompanhante. Suba a bordo.